**Aprendizagem Social: uma Visão Evolucionista – Aula 25 de maio**

**Isabella França Ferreira**

**Questões e reflexões sobre o texto “The Mirror Neuron system and its role in interpersonal relations” de Vittorio Gallese (Itália)***Vittorio Gallese é professor na Universidade de Parma e na Universidade de Londres. Especialista em neurofisiologia, neurociência cognitiva, neurociência social e filosofia da mente. Gallese é um dos descobridores de neurônios-espelho.*

Na minha opinião, esse texto foi um pouco diferente dos textos que estávamos lendo até agora, mais “biológico”, suscinto e direto, então foi uma experiência diferenciada de leitura e não tive dúvidas conceituais. Achei ótima a conexão entre esse artigo e o texto da Emma Otta e Vera Bussab, a partir da leitura de ambos, algumas reflexões surgiram. Abaixo descreverei as reflexões e os pontos que me chamaram atenção:

1. O artigo descreve um estudo em que participantes humanos observavam sinais comunicativos com a boca de diferentes espécies, a saber: humanos (leitura labial), macacos (*lip-smacking)* e cachorros (latido). Durante a observação, as imagens cerebrais foram captadas e mostraram que diferentes regiões cerebrais são ativadas a depender da espécie observada. As ações da própria espécie e dos macacos ativaram regiões relacionadas com o sistema motor do observador, enquanto as do cachorro (uma espécie mais distante filogeneticamente) ativaram apenas regiões relacionadas com a visão. Se a simulação corporificada (*embodied simulation*) é um mecanismo central para que a empatia ocorra, isso pode explicar o porque de sentirmos menos empatia com espécies filogeneticamente mais distantes da nossa. Seria como se não compreendêssemos realmente as outras espécies por terem um repertório comportamental diferente do nosso e isso prejudicaria nossa concepção deles como um outro indivíduo de fato.
2. O experimento acima também ressalta a importância do tipo de “agente” para que ocorra essa simulação corporificada. Não serão todos os agentes realizando qualquer ação que eliciarão as respostas dos neurônios espelhos. Apenas os estímulos relacionados ao reportório comportamental do observador é que são eficazes na ativação do sistema de neurônios espelho. Pensando nisso e que o repertório comportamental pode mudar mesmo dentro da mesma espécie, a depender da “tribo” a qual pertencemos (seja por diferenças culturais ou sociais), podemos relacionar a maior dificuldade em simular as ações com a diminuição da empatia em relação as outras “tribos”? Será que a interação entre diferentes tribos, onde uma conheceria o “mundo” da outra, poderia facilitar esse processo empático?
3. Com a leitura do texto de Emma e Vera, achei interessante que ao compreendermos a empatia através do modelo percepção-ação (em que diferentes níveis de afeto e cognição estão envolvidos), uma nova perspectiva se abre, em que podemos considerar que outros animais, além dos primatas, podem ter empatia mesmo que em suas formas mais “basais”. O presente texto afirma que os primatas de forma geral possuem neurônios espelho e que a simulação corporificada seria um processo basal. Pensando nisso, outros estudos estão sendo feitos para identificar esses mesmos neurônios e regiões cerebrais em diferentes espécies de animais?
4. Ao afirmar que a simulação corporificada é um dos mecanismos basais da empatia, o autor ressalta que elaborações cognitivas mais complexas também estão envolvidas, tanto que diferentes ações/emoções realizadas por outros em diferentes contextos podem levar o observador a interpretações radicalmente diferentes. Pensando nisso, qual seria a eficiência de se ensinar “empatia” nas escolas, por exemplo?
5. Li um livro chamado inteligência social do divulgador científico Daniel Goleman, apesar de algumas críticas que tenho, o livro tem um capítulo bastante interessante, que conversa muito com o tema da aula, chamado “Tu e isso” e fala justamente de como a empatia facilita ver o outro como “tu” ao invés de um mero objeto. Citarei um trecho do livro que acho que acrescenta a nossa discussão e também contextualiza algumas de minhas reflexões citadas acima: “No nível neural, o ‘conhecendo você’ significa que estou adquirindo uma ressonância com seus padrões emocionais e mapas mentais. E quanto mais nossos mapas se sobrepõem, maior é a identificação que sentimos e maior é a realidade compartilhada que criamos. À medida que aumenta a identificação entre nós, as categorias mentais passam por uma espécie de fusão, de modo que pensamos inconscientemente naquelas pessoas que são mais importantes para nós de forma muito parecida com a que pensamos sobre nós mesmos”.
6. A comunicação cada vez mais predominante via celular/computador inviabiliza a simulação corporificada? Existem estudos analisando isso?
7. Fiquei refletindo muito sobre a aplicação prática de todo esse conhecimento sobre empatia na espécie humana. A empatia é necessária para que possamos viver em grupo e para que possamos enxergar o outro como “humano”, assim como nós. A empatia permite que médicos(as), enfermeiros(as), psicólogos(as) humanizem suas profissões e cuidem melhor de seus pacientes. Entretanto, com o neoliberalismo, esses profissionais tem cada vez menos tempo para criar a conexão com seus pacientes (não só eles, todos nós de forma geral, independente da profissão). Ainda, o outro extremo pode ser prejudicial, já que pessoas que possuem a empatia exacerbada podem sofrer de “fadiga por compaixão”. O que influencia essa variabilidade empática? Como conseguir um “equilíbrio”?

 **“Empatia, Altruísmo e Comportamento Pró-social” de Emma Otta e Vera Bussab**

O objetivo do capítulo é contextualizar o comportamento pró-social, seus mecanismos (empatia), custos-benefícios (altruísmo) e apresentar o modelo de percepção-ação que as autoras consideram o mais adequado para compreender tal comportamento. Para isso, são apresentadas diferentes definições de empatia que, de forma geral, se dividem ao considera-la exclusivamente como um processo cognitivo ou como um processo afetivo. Em seguida, o paradoxo darwiniano da evolução do altruísmo é descrito, bem como os mecanismos propostos para explica-lo: seleção de parentesco, altruísmo recíproco e seleção de grupo. O modelo percepção-ação (MPA) é apresentado para viabilizar a integração entre os aspectos afetivos e cognitivos da empatia, bem como entre suas causas psicológicas e evolutivas. O MPA foi desenvolvido por Preston e de Waal e considera que a empatia tem uma base socioafetiva essencial e que outros componentes mais complexos foram sendo adicionados ao longo da evolução. O primeiro nível do MPA seria representado pelo espelhamento motor, onde a observação de uma mudança comportamental em um indivíduo ativa automaticamente o mesmo processo no observador, e contágio emocional, definido como a transferência de estado fisiológico entre o observador e o observado. O segundo nível seria a preocupação empática, resposta emocional congruente com a necessidade do outro, e consolo. Por último, o terceiro nível seria representado pela adoção de perspectiva do outro e ajuda direcionada. Diversos estudos com humanos e outros animais são descritos a fim de sustentar a MPA e o que se observou é que, no desenvolvimento humano, a ação primária seria reagir automaticamente a expressão emocional do outro, depois mecanismos cognitivos e regulatórios entrariam em ação trazendo a possibilidade de reação diferencial a depender do relacionamento entre os indivíduos. Considerando animais não humanos, foram encontradas reações empáticas principalmente do primeiro nível em cães e primatas, apesar do segundo e terceiro nível terem sido relatadas em chimpanzés e bonobos. Por fim, as autoras relatam a descoberta dos neurônios espelho que parecem ser um substrato neural para a empatia. Em conclusão, as autoras afirmam que o desenvolvimento do comportamento pró-social envolve um conjunto de aspectos afetivos, emocionais e cognitivos intrinsicamente ligados e que a cognição abrange a emoção e o afeto, assim como o individual se constitui no social, de forma que é impossível conceber um sem o outro.